UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

ANA CLÁUDIA SOUTO MAIOR COSTA

A IMAGEM COMO SIGNO DO OLHAR DE QUEM VOCÊ NÃO VÊ, MAS FAZ A TV QUE VOCÊ VÊ

Boa Vista

2004

ANA CLÁUDIA SOUTO MAIOR COSTA

A IMAGEM COMO SIGNO DO OLHAR DE QUEM VOCÊ NÃO VÊ, MAS FAZ A TV QUE VOCÊ VÊ

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação social, do Centro de Comunicação, Educação e Letras da UFRR, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sob a orientação do professor Maurício Zouein.

Boa Vista

2004

A IMAGEM COMO SIGNO DO OLHAR DE QUEM VOCÊ NÃO VÊ, MAS FAZ A TV QUE VOCÊ VÊ

Banca examinadora:

1º Examinador (Orientador)
Professor Maurício Zouein

2º Examinador
Professora Mes. Vângela Morais

3º Examinador
Professora Especialista Áurea Lúcia Melo

Dedico esta monografia a minha família e meus amigos que me apoiaram em todos os momentos difíceis da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que amo acima de tudo, a meus irmãos espirituais, protetores que estão sempre comigo.

À minha família, meus pais, Luiz e Consolata pelo apoio e palavras de conforto; meus irmãos, Glória e Luiz pela amizade e ajuda dadas nesses dias de pesquisa.

Ao meu namorado, Walfre, pelo amor dedicado, pela força e presença sempre constantes em todos os anos em que estive na Universidade.

Ao professor e amigo Maurício Zouein, pela paciência, atenção e bibliografia recomendada.

À equipe de funcionários da TV Caburaí, Wanderléia Ferreira, Carlos Simões, Isabella Schwarz, Ronisson Alves, Humberto Silva e todos os demais, pelas informações repassadas.

Aos amigos que me ajudaram e torceram para que essa monografia desse certo.

“É próprio da comunicação contribuir para a modificação dos significados que as pessoas atribuem às coisas. E, através da modificação de significados, a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos”.

(BORDENAVE,1989, p.92)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

1. UM ESTADO DE TRANSFORMAÇÕES 12

1.1. RORAIMA 12
1.2.- O MUNICÍPIO DE BOA VISTA 19
1.3. HISTÓRICO DO BAIRRO SÃO VICENTE 22
1.4- A RUA 26
1.5. - A FONTE 28

2. A TELEVISÃO 29

2.1. TELEJORNALISMO NO BRASIL 29
2.2 HISTÓRIA DA TELEVISÃO EM RORAIMA 35
2.3. - A TV CABURAÍ 41
2.4.- A HISTÓRIA DO 'METE BRONCA' 45

3. O PROGRAMA METE BRONCA 47

3.1. A PERCEPÇÃO DOS TELESPECTADORES 47
3.2- O OLHAR DA PRODUÇÃO 49

CONSIDERAÇÕES FINAIS 57

REFERÊNCIAS 60

ANEXOS 62

QUESTIONÁRIO 1 63
SOBRE OS FUNCIONÁRIOS 63
QUESTIONÁRIO 2 67
SOBRE A TV CABURAÍ 67
SOBRE O PROGRAMA METE BRONCA 67
QUESTIONÁRIO 3 68
PARA AS PESSOAS DO BAIRRO SÃO VICENTE 68
GRÁFICOS 71

LISTA DE FOTOS

FOTO1 – Vista parcial da Intendência 12

FOTO 2 – Vista aérea do Rio Branco 15

FOTO 3 – Uma das primeiras fotos aéreas de Boa Vista 20

FOTO 4 – Uma das casas existentes no bairro 25

FOTO 5 – Placa da rua onde aplicamos o questionário 27

FOTO 6 – Moradora na frente de sua residência 28

FOTO 7 – Inauguração da emissora 35

FOTO 8 – Logomarca da emissora 38

FOTO 9 – Produção 49

FOTO 10 – Único computador da redação 54

FOTO 11 – Programa 55

APRESENTAÇÃO

Quando este tema foi escolhido para a monografia, não se sabia quantas descobertas interessantes aconteceriam e quanta satisfação alcançaria enquanto aluna e pesquisadora.

Ao pensarmos em trabalho de conclusão de curso, muitos são os medos, inseguranças, dúvidas, obstáculos, vontade de desistir... A identificação com o tema começa a fascinar e a cada descoberta, a cada desafio enfrentado, a cada informação conseguida é uma batalha ganha e uma sensação de que podemos vencer a guerra contra o tempo e todas as dificuldades.

É claro que nem tudo são flores. Às vezes as coisas não saem como pretendido. Incomodar, ficar insistindo em um assunto, tentando descobrir mais alguma coisinha. Como pesquisar sem insistência? Foi preciso vencer tudo isso e ir fundo ao propósito.

Outra coisa, às vezes marcamos hora e as pessoas não cumprem com os horários e nos deixam esperando um tempão pra nos atender. E quando nos deparamos com alguém que não está nem aí pra ajudar, não quer saber dos nossos problemas, do que estamos fazendo e alegam falta de tempo, mas é pura má vontade?

Nossa, como tem gente mal educada nesse mundo! O fato de não estar trabalhando atrapalhou muito mais!

Passava todo o tempo pensando na monografia, sonhava com a pesquisa, com as pessoas entrevistadas, com o que poderia acontecer com a apresentação, pois não tinha outra coisa com o que me preocupar, no que pensar. Só estava voltada para a monografia, que não terminava nunca. Muitas pessoas queriam metade do tempo disponível que eu tinha, mas se você não tem outra coisa em que pensar dá pra ficar louca!

Entrei em academia e era aí que me sentia um pouco melhor, cansando além da mente, o corpo, para tentar melhorar as noites de sono, que a essa altura, já estavam pela metade por causa das longas insônias causadas pela ansiedade que me consumia. Eu queria que o grande dia chegasse logo, mas ao mesmo tempo me dava um frio na barriga me imaginar defendendo a minha monografia.

Quando comecei o trabalho de campo, imaginava como as pessoas me tratariam. Tinha uma visão bastante negativa do programa Mete Bronca. Fui muito bem recebida na TV Caburaí e todos se mostraram muito prestativos. Alguns já haviam passado pela experiência e outros ainda passariam, e me ajudaram no que puderam.

Somos cheios de preconceitos, pois apesar de político, o programa tem muito de comunitário e ajuda muitas pessoas a resolverem seus problemas. Talvez a linha editorial incomode, assim como a postura, a linguagem, mas ele traz muito do povo, a solidariedade é grande e isso emociona.

É de surpreender a quantidade de pessoas que assistem ao programa e não percebem essa linha política. Para muitos o programa é só comunitário e os comentários do apresentador são pertinentes.

E é isso que este trabalho vai mostrar. Como é a produção do programa Mete Bronca; como se percebe o que a população quer ver, qual é esse olhar televisivo; como os produtores vêem seus telespectadores.

Através de questionários, entrevistas, da semiótica e de uma pesquisa bibliográfica e de campo sobre o bairro São Vicente, o telejornalismo no Brasil, as emissoras de TV em Roraima e a TV Caburaí fundamentou-se essa pesquisa.

1. UM ESTADO DE TRANSFORMAÇÕES

1.1. RORAIMA

Desde o início do século XVI, portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses disputavam o antigo território do Rio Branco. O povoamento da região se deu somente no século XVIII, após o extermínio de muitos índios.

Criou-se em 1858 por parte do Governo Federal a freguesia de Nossa Senhora do Carmo, mais tarde em 1890 (foto 01) transformada no município de Boa Vista do Rio Branco. No ano de 1904, uma disputa territorial com a Inglaterra tirou a maior parte das terras do Pirara (afluente do rio Maú) pertencentes ao Brasil, e incorporadas à Guiana Francesa.

Foto 01 – Vista parcial da Intendência (1925, Hamilton Rice)

O Território Federal do Rio Branco foi criado em 1943 e sua área desmembrada do Estado do Amazonas. A partir de 13 de dezembro de 1962 passou a chamar-se Território Federal de Roraima e, com a promulgação da Constituição de 1988 o território foi transformado em Estado da Federação[1].

Roraima, Estado mais ao norte do Brasil, apresenta-se em forma de uma cunha entre Guiana (a leste e norte) e a Venezuela (a norte e oeste). Tem 964 Km de fronteira com a Guiana e 958 Km com a Venezuela. Segundo Freitas (2001 p.11), “Roraima possui área de 225.116,1 Km² , e encontra-se no ponto extremo do Brasil, fato este ainda desconhecido de muitos. Trata-se da nascente do rio Uailã junto ao Monte Caburaí, próximo ao Monte Roraima”.

O Estado possui 15 municípios. Os mais populosos são: Boa Vista (capital), Rorainópolis, Alto Alegre, Caracaraí, Mucajaí, Bonfim, Cantá e Pacaraima. De acordo com FREITAS (2001, p.14):

> A população é de 324.152 habitantes (Censo de 2000) com uma densidade demográfica de 1,43 hab/ Km², a menor do Brasil. Sua população está em grande número nas cidades (75%) e apenas (25%) na zona rural. É o Estado que tem mais homens (51,15%) que mulheres (48,85%), segundo o último Censo demográfico realizado (2000).

A economia de Roraima tem sua composição distribuída em: agricultura, pecuária e extrativismo (madeira e minérios).

A agricultura produz milho, soja, feijão, arroz e mandioca. Na pecuária, o rebanho bovino oficialmente está estimado em 399 mil cabeças. Há, no entanto,

[1] FREITAS, 2001, p. 113

quem conteste este número afirmando que o rebanho atinge apenas 250 mil cabeças.[2]

A indústria concentra-se na construção civil, alimentícia, madeireira, de confecções, calçados e turismo.

Costuma-se denominar de Planalto das Guianas a região que abrange o Estado de Roraima. Na verdade, Planalto das Guianas revela-se bem diferenciado. No caso específico de Roraima, o seu relevo, do norte para o sul, apresenta-se como se fosse uma escada com vários degraus.

Quase todo território do Estado é constituído apenas pela bacia do rio Branco, o mais importante afluente da margem esquerda do rio Negro.

O rio Branco (foto 02) é formado pela união dos rios Uraricoera e Tacutu, em frente ao sítio escolhido para nele ser erguido o Forte São Joaquim, a 30 Km de Boa Vista.

Quem denominou este rio de Branco foi o português Pedro Teixeira em sua famosa expedição, em 1639.

O rio Branco tem 584 Km de extensão a partir da confluência do rio Uraricoera com o Tacutu até sua desembocadura no rio Negro.

---

[2] IBGE 2000

Foto 02 – Vista aérea do Rio Branco (1925, Hamilton Rice)

O rio Uraricoera tem aproximadamente 700 Km de extensão. Ele nasce no divisor de águas entre as bacias dos rios Orinoco e Amazonas. É o rio que, em Roraima, define geograficamente, as terras brasileiras.

O rio Tacutu é o rio que limita o Brasil da Guiana. Nasce na serra do Acarai no limite entre Caracaraí, São João da Baliza e Caroebe. Seus afluentes pela margem direita são os rios Maú e Surumu (que por vez recebe o Cotingo, que nasce no Monte Roraima e tem em seu leito os garimpos de ouro e diamantes). De acordo com FREITAS (2001, p.24):

> O rio Surumú nasce na Serra de Pacaraima a 1.445 metros de altitude, no município de Amajarí. No seu percurso dentro do município de Pacaraima faz junção com o rio Cotingo, que tem sua nascente no Monte Roraima, suas principais cachoeiras são: Rebojo, Providência e Tamanduá, apropriadas para canoismo, é necessário a contratação de guia. É um importante afluente do Tacutu. Tem ao todo 314 km. Está dividido em dois segmentos: um trecho de 88km é percorrido dentro da floresta, desde sua

> nascente até o limite das serras com os campos naturais e 225km deste ponto até sua foz junto ao Tacutu.

A população de Roraima foi constituída, inicialmente, de nativos. Esses nativos vieram do Caribe. Índios caribes era a denominação do tronco central das tribos que habitam Roraima (Macuxi, Taurepang, Yanomami, etc). Estes subiram o rio Orinoco, na Venezuela, alcançando o rio Caurá e daí passaram ao rio Parágua e deste, penetram nos rios Uraricoera e Branco. Ainda segundo FREITAS (2001, p.28):

> No que se refere à população branca, os primeiros que chegaram, o fizeram no final do século XVII e início do século XIX. A partir daí, as correntes migratórias se intensificaram e, em especial, na última metade do século XX.

O crescimento populacional mostrou-se tímido até a década de 70. A partir daí, as taxas de crescimento registraram saltos significativos até a década de 90.[3] FREITAS afirma ainda:

> Até 1982, Roraima possuía apenas 2 municípios: Boa Vista e Caracaraí. Com a criação de 6 novos municípios pela Lei nº 7.009 de 1 de julho daquele ano, Caracaraí e Boa Vista perderam território e população. Foram frutos de desmembramentos de Caracaraí, os atuais municípios de São João da Baliza, São Luiz do Anauá e Mucajaí. [4]

[3] Dados IBGE de 2000
[4] FREITAS, 2001, p. 36.

Boa Vista, a capital, foi afetada, mas não chegou a tanto. De Boa Vista, pela mesma lei, saíram os atuais municípios de Bonfim, Normandia e Alto Alegre.

Novos desdobramentos ocorreram em 1994 e 1995 quando foram criados os municípios de Caroebe e Rorainópolis ao sul, Iracema e Cantá no centro e Amajarí, Pacaraima e Uiramutã ao norte.

A província mineral de Roraima é muito rica. Estudos do projeto Radam Brasil comprovam esta afirmativa. No entanto, a exploração dos recursos minerais ainda não pode ser feita em toda sua plenitude. Os entraves são de diversas ordens.

Há, ainda, a possibilidade real de existência de petróleo em solo roraimense, fato este, que sendo pesquisado, com períodos de interrupção pela Petrobrás. A falta de recursos tem feito com que os investimentos nesta área sejam pequenos e, com isso, as pesquisas e exploração são retardadas.

Em Roraima, ainda se pode dizer que há muita terra para pouca gente. Na região do Lavrado, pela própria qualidade do solo e sua destinação para a pecuária extensiva, as propriedades são grandes (média de 1.000 hª).

Por outro lado, nas regiões destinadas, em princípio, para a agricultura, nas chamadas colônias agrícolas, os lotes de terra são menores (média de 60 hª).

As práticas agrícolas em Roraima, na sua maior parte, são rudimentares e tradicionais, com baixo nível tecnológico e pequeno emprego de capital, consistindo, na zona florestal e em especial ao longo da Br 174 e 201, de broca, derrubada, queima, encoivaramento e plantio. FREITAS afirma:

> As estradas em Roraima são federais ou estaduais. As estradas federais existentes são 3: a BR 174 que liga Manaus á fronteira com a Venezuela, passando por Rorainópolis, Caracaraí, Iracema, Mucajaí, Boa Vista e Pacaraima, com 972 Km; a BR 210, com 481 km, também conhecida por Perimetral Norte, estrada planejada que cruzaria o Estado transversalmente, mas que tem apenas o trecho que vai de Caroebe a Caracaraí e à Colônia São José. A partir daí, encontra-se interditada por penetrar na reserva indígena Yanomami e a BR 401 com 185 Km, que liga Boa Vista à Bonfim e à Normandia, ambos na fronteira com a Guiana. São, ao todo, 1.382 Km de estradas federais asfaltados em sua maioria." [5]

No plano estadual, as estradas são em maior número, uma vez que fazem a interligação do interior com as BRs, tecendo a malha rodoviária estadual. São mais de 2.000 Km de estradas vicinais mais simples, que compõe o universo rodoviário do Estado de Roraima.

O Estado dispõe de estradas estaduais asfaltadas: Boa Vista/Alto Alegre; Boa Vista/Cantá; Boa Vista/Amajarí.

No Estado de Roraima encontramos uma paisagem belíssima. Para os desavisados seria uma grande área desmatada aquela localizada pelo satélite em pleno norte do Brasil.

Pois não é, trata-se da região nordeste do Estado, área constituída de lavrado, lagos, serras e buritizais mapeando igarapés de águas cristalinas. Andar nessa área leva-nos a crer em tudo, menos na possibilidade de estarmos em plena Região Amazônica, conhecida mundo afora como detentora da maior área de floresta do planeta.

---

[5] (2001, p.56)

Foi apreciando essa paisagem que Lobo D'Almada, ainda no século XVIII, percebeu que seria um local próprio para a criação de gado e não hesitou em deixar as primeiras fazendas, chamadas Fazendas Nacionais.

Roraima é um estado com ecossistemas diversificados. Possui regiões de Floresta Tropical ao Sul, de cerrados (lavrado) e campos limpos (várzeas) no centro - oeste, Floresta Equatorial a noroeste, Caatinga (manchas) a noroeste, Alta Montana ao norte, Mata Ciliar no percurso norte/sul do rio Branco, Mata de Transição a sudoeste e noroeste, Mosaico ao sul, sudoeste e sudeste.

Berço de várias etnias e, portanto, "palco" de uma diversificada cultura indígena, a "Terra de Makunaima" dispõe de uma variedade imensa de línguas, lendas e artesanato, além de uma história singular em sua ocupação pelo "homem branco" que, impressionado com essa paisagem, aqui constitui família e constrói a história do ponto mais extremo do país.

1.2.- O MUNICÍPIO DE BOA VISTA

Capital do Estado de Roraima, Boa Vista (foto 03) é uma das cidades mais belas da região norte de nosso imenso Brasil. Moderna, de clima tropical e temperaturas entre 20º C e 36º C, às margens do seu maior símbolo, o Rio Branco.

Foi fundada em 1830, por Inácio Lopes de Magalhães, a primeira fazenda particular de gado bovino, a Fazenda Boa Vista, cuja sede ocupava o prédio onde hoje funciona o bar Meu Cantinho, no núcleo histórico da cidade.

EMBED MSPhotoEd.3

Foto 3 – Uma das primeiras fotos aéreas de Boa Vista (1925, Hamilton Rice)

Em 1858, a povoação foi elevada a categoria de vila e, em 9 de julho de 1890, passou à condição de cidade, sediando o recém criado município de Boa Vista, desmembrado de Moura, da então Província do Amazonas.

No dia 25 de julho de 1890, conforme o decreto número 49, o Governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Villeroy, através do seu representante Fábio Barreto Leite empossou João Capristano da Silva Mota como o seu primeiro Superintendente, o que muitos o consideram o primeiro prefeito de Boa Vista. Aimberê Freitas afirma em seu livro:

> No início do século, o primeiro governador de Roraima, Capitão Ene Garcez, contratou o arquiteto Darcy Derengusson para

> projetar a cidade. Antes disso, em 1906, o Dr. Antônio Constantino Nery, Governador do Estado do Amazonas, "desejando promover o povoamento e progresso do alto Rio Branco", determinou ao engenheiro Alfredo Ernesto Jacques Ourique,"com o fim de tornar conhecida essa região", que fizesse um relatório da viagem que realizara em1906.[6]

Em 13 de setembro de 1943, foi criado o Território Federal do Rio Branco que passou a chamar-se Roraima, a partir de 13 de dezembro de 1962, mantendo-se o nome da capital.

Hoje, como Capital do Estado de Roraima, criado pela Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 e efetivamente instalado em 01 de janeiro de 1991, Boa Vista é uma cidade moderna.

A cidade é desenhada em forma de leque, com ruas largas, bem iluminadas, e com as principais avenidas seguindo para o Centro Cívico, com belos monumentos de suave plasticidade, que nos últimos anos vem se modernizando.

Boa Vista é uma grande opção para o turismo nacional e internacional. Distante apenas uma hora de Manaus, por avião, e cerca de duas horas por carro, de Santa Elena, na fronteira do vizinho País Venezuela. Com isso tem atraído um razoável fluxo de turistas nos finais de semana.

É uma verdadeira jóia do norte do Brasil. O folclore de Roraima contém elementos de grande riqueza cultural, caracterizados pelas danças indígenas, pelos hábitos e pelo vocabulário repleto de expressões oriundas dos dialetos macuxi, taurepang, paraviana, Wapixana, ingaricó, entre outros.

---

[6] (Geografia e história de Roraima, p. 65)

Boa Vista está a uma altitude de 90 m, acima do nível do mar. Seu clima é quente e úmido com apenas duas estações climáticas bem definidas: inverno e verão. É a única capital brasileira situada no hemisfério norte.

Sua população é de 200.383 habitantes (Censo de 2000). A sua densidade demográfica é de 42,73 hab/Km².

O centro Histórico está localizado às margens do rio Branco, e representa o nascimento da cidade de Boa Vista, em 1830. Nele encontramos a primeira igreja, e ao seu lado a Sede da Fazenda que deu origem à cidade, hoje convertida em um bar.

A praça Barreto Leite, de frente para o antigo porto da cidade, abriga o Monumento em homenagem aos pioneiros, obra do artista plástico Luiz Canará.

À sua frente, à esquerda, pode-se ver o prédio da Intendência, a primeira prefeitura da cidade, onde atualmente funciona uma galeria de arte e a Escola Municipal de Música.

1.3. HISTÓRICO DO BAIRRO SÃO VICENTE

A história de ocupação do bairro São Vicente, segundo informação dos moradores antigos, se deu na década de 40, em uma área livre de propriedade da Diocese e adquirida pelo governo estadual e municipal, para ser loteada e doada às famílias de baixa renda, que necessitavam de moradia.

A necessidade habitacional se deu ao fato da migração de outros estados para Boa Vista, principalmente de famílias procedentes do Maranhão, trazidas por políticos federais para preservação das fronteiras.

Entretanto, a outra grande migração aconteceu mais tarde com a divulgação do garimpo.

Os moradores relembram que no início da ocupação não havia água, energia elétrica e nem transporte coletivo. A água era do poço, a energia era lamparina ou vela, mas consideravam-se felizes. *"A principal diferença entre o São Vicente de ontem e de hoje, é que antes havia falta de energia, de água e de pessoas, hoje, o bairro está mais iluminado, arborizado e com uma taxa de esgoto insuportável*[7]*".*

No início da ocupação, o bairro era chamado "Lamparina", devido à falta de energia elétrica. Na década de 70, o bairro passou a se chamar São Vicente em homenagem à Igreja São Vicente de Paula, construída na fundação do bairro. O bairro ia até a rua da igreja.

Passou a se desenvolver com a construção das casas do BNH (financiado pela Caixa Econômica) que contribuíram para a expansão do bairro. Hoje a igreja se transformou em um prédio do AA (alcoólicos Anônimos), ajudando no tratamento de pessoas que têm dependência química. E a igreja Nossa Senhora da Consolata se tornou símbolo do bairro.

O bairro São Vicente foi escolhido para ser estudado neste trabalho de conclusão de curso, por se tratar de um dos bairros mais antigos de Boa Vista e por possuir o publico- alvo[8] do programa Mete Bronca, que é o objeto de estudo do nosso terceiro capítulo.

---

[7] Maria Teixeira Lima, 70 anos, moradora do bairro.
[8] Pessoas com renda e escolaridade baixa

Com uma população de 5.546 habitantes, possui 1.547 famílias e 1.447 domicílios. Existem no bairro 75 famílias sem renda.[9]

Mas a maioria das pessoas possui renda mensal de 5 a 10 salários mínimos. (São 352 famílias nesta situação de acordo com dados do IBGE de 2000).

O bairro conta com quatro projetos sociais envolvendo jovens[10]: O Agente Jovem, o Guarda Mirim, Estagiário Júnior e o Projeto Crescer.

O Agente Jovem: capacita jovens de 15 a 17 anos para atuar positivamente em seus bairros. Eles transmitem à comunidade noções sobre combate às drogas, gravidez na adolescência, regras e limites na convivência entre outros assuntos.

O Guarda Mirim, com orientação e responsabilidade, ajuda os jovens a entrarem no mercado de trabalho. São adolescentes entre 15 e 17 anos que atuam como aprendizes no setor administrativo de diversos órgãos de Boa Vista.

Já o projeto Estagiário Júnior: é uma oportunidade de estágio para guardas mirins e agentes jovens que se destacam em suas atividades.

O Projeto Crescer: atende jovens entre 15 e 21 anos com o objetivo de criar estratégias para aumentar as perspectivas de vida e desenvolvimento social dos jovens.

Isso ajuda muito para manter a fama que o bairro tem de ser um dos mais tranqüilos de Boa Vista. De acordo com a dona de casa, Lídia Gama Rivas, 59 anos, que mora há 30 anos no bairro, o São Vicente é calmo, com pouca

[9] Dados do IBGE de 2000
[10] Id.

marginalidade. “Adoro meu bairro! Não mudo nunca daqui, me dou bem com a vizinhança, chego a sair e deixar porta aberta, e nada acontece. Não tem muito roubo, não”, afirma.

Tem de tudo (centro de saúde, escolas, supermercados, farmácias, feiras...), além de ser perto do centro. E, apesar de possuir uma grande quantidade de locais de eventos, não é considerado violento.

O bairro (foto 4) tem 151 pessoas analfabetas, mas a maior parte, 1.759 pessoas, possuem o 2º grau completo.

A população é bem equilibrada. Possui 2.996 homens e 2.994 mulheres. Destes, 5.413 têm mais de 15 anos de acordo com o IBGE (dados de 2000).

Foto 4 – Uma das casas existentes no bairro (2004, Ana Claudia)

As pessoas são bem hospitaleiras, receptivas e unidas. Muitas moram no bairro há mais de 30 anos. São pessoas antigas que mantém laços de amizade e apreço pelo lugar onde moraram toda uma vida.

É claro que ainda faltam algumas providências, pois nada é perfeito. As pessoas reclamam da falta de um clube de mães, uma associação de bairros e a valorização dos projetos sociais desenvolvidos no bairro.

1.4- A RUA

Como foi dito anteriormente, Surumu é nome de um importante rio do Estado, que nasce na Serra de Pacaraima a 1.445 metros de altitude, no município de Amajarí.

No seu percurso, dentro do município de Pacaraima ,faz junção com o rio Cotingo, que tem sua nascente no Monte Roraima. É um importante afluente do Tacutu.

Tem ao todo 314 km. Está dividido em dois segmentos: um trecho de 88km é percorrido dentro da floresta, desde sua nascente até o limite das serras com os campos naturais e 225km deste ponto até sua foz junto ao Tacutu.

Foto 5 – Placa da rua onde aplicamos o questionário (2004, Ana Claudia)

A avenida Surumu (foto 5), foi a rua escolhida para a realização da pesquisa e faz uma homenagem a esse rio. Uma das avenidas principais do bairro possui muitas casas, umas sem moradores, algumas estâncias e uma escola municipal.

A Escola Municipal Frei Arthur, está localizada na avenida Surumu, e é a causa de muitas das reclamações dos moradores. Para eles a escola representa uma ameaça às pessoas, pois os estudantes, a maioria em situação de risco social, briga na rua, usando terçados, ameaçando e causando uma certa insegurança a quem mora na rua.

Mas reconhecem, a importância da escola para os jovens. “Apesar de alguns inconvenientes, as atividades realizadas na Frei Arthur ajudam a tirar esses adolescentes da marginalidade.”[11]

[11] Ângela Maria Magalhães (dona de casa)

A maioria dos moradores se conhece, e há uma certa harmonia na convivência.

As ruas são largas, ficam perto da feira do produtor e do supermercado. É bem localizada. “Gosto muito daqui por ser bem localizada, fica perto de tudo. Não consigo me sentir sozinha, pois a rua é muito movimentada”.[12]

1.5. - A FONTE[13]

Residente na avenida Surumu, nº 1664 do bairro São Vicente, Dona Nair Paulino da Silva[14], 54 anos (foto 06) é costureira e mora no bairro há mais de 30.

Mora numa casinha de madeira, muito pequena, com mais 13 pessoas e todos desempregados. “Fazemos bicos. Trabalhamos aqui, acolá. Chegamos a implorar pra nos darem trabalho pra colocar comida em casa”, diz.a dona de casa.

Moram na casa oito crianças, sete mulheres de nível de escolaridade baixo. Uma das filhas, uma adolescente de 15 anos, possui sérios problemas com bebidas e estuda na escola municipal Frei Arthur (destinada a jovens em situação de risco social). Dona Nair comenta:

> É a minha maior preocupação. A bichinha chega muitas vezes caindo de bêbada em casa. Mas o tempo dela está sendo ocupado com algumas atividades realizadas na escola no turno oposto ao que ela estuda.

---

[12] Professora Elizete Santana
[13] As entrevistas com os moradores do bairro foram realizadas em abril de 2004
[14] Entrevista cedida em abril de 2004.

Foto 6 – Moradora na frente de sua residência (2004, Ana Claudia)

O São Vicente tem um pouco de agitação nos finais de semana, porque alguns eventos da cidade acontecem no bairro, mas isso não atrapalha a tranqüilidade dos moradores. “O São Vicente é muito bom! Me sinto no centro da cidade. Tem de tudo um pouco, e é muito tranqüilo, calmo, com pouca violência”.

É um dos mais antigos também. Apesar de ter crescido muito, não deixou de ser familiar. “Eu não saio daqui nunca. O São Vicente é minha vida, daqui só saio pro cemitério”,completou a.dona de casa.

Uma grande quantidade de pessoas, moradoras do São Vicente, assistem ao programa Mete Bronca. Falaremos melhor sobre isso no terceiro capítulo deste trabalho.

2. A TELEVISÃO

2.1. TELEJORNALISMO NO BRASIL

Em determinadas horas do dia ou da noite – quando são apresentados os telejornais, milhões de brasileiros ligam os seus receptores de televisão e, seguindo um ritual que exige absoluto silêncio e nenhuma interferência estranha, permanecem diante dele assistindo ao que de principal ocorreu no mundo.

O ato rotineiro, que se incorporou aos hábitos da maioria da população, depende, por parte das emissoras, de um esquema gigantesco de atuação, rápido, seguro e eficiente, para que o locutor apareça no vídeo e leve a notícia precisa, concisa, atraente e, quanto possível, ilustrada com cenas imóveis ou em movimento.

É o mundo, o país, a cidade, que entram em cada casa. São os telespectadores que recebem a edição extra, que narra situações inusitadas do nosso dia a dia.*"Uma das funções da televisão é fornecer uma imagem do mundo para o homem comum, a maior parte das regiões, das pessoas, dos assuntos dos quais a mídia não fala não existem".*[15]

A concorrência entre as emissoras, a busca de melhores índices de audiência e respeito pelo público têm resultado, por isso, na melhoria do telejornalismo no Brasil.

O público quer o melhor. Jornalismo, não improvisado, porque é ciência e é arte.

---

[15] BERTRAND, *p,* 29.

As informações pela televisão devem ser planejadas, obtidas, selecionadas, redigidas e editadas por técnicos em cada uma dessas especialidades.

Há um vocabulário próprio para a informação levada ao público. BERTRAND (1997 p.52) afirma:

> Esquece-se uma coisa: para que uma mensagem exista precisa-se de pelo menos duas pessoas, o emissor e o receptor. Ora, foi amplamente demonstrado que o usuário não é um receptáculo passivo: ele interpreta a mensagem segundo sua experiência, seu meio, suas necessidades e seus desejos. Não é uma vítima da mídia mas um usuário. Em conseqüência, a principal influência da mídia faz-se por omissão: o que ela não diz tem mais influência do que o que ela diz.

A notícia é um lado inusitado e insólito do fato, uma raridade, uma novidade. O valor da notícia está no jornalista que com ela trabalha.

Tarefa difícil, pois ele sabe que depende do público, o seu interesse, a sua existência, além de que os propósitos de sua veiculação é o que mais funciona e mexe com a sua cabeça.

A distinção fundamental entre os meios de comunicação é entre a imprensa de informação geral, hoje relativamente neutra, à qual se referem a maior parte dos códigos. E, por outro lado, a imprensa de opinião, que por razões ideológicas ou políticas, pode deformar a realidade, calar as idéias opostas, mostrar-se injusta, e até insultuosa, sem estar autorizada a mentir, ou, por exemplo, a incitar ao ódio racial ou à violência. Segundo BERTRAND (1997, p. 27):

> É preferível que a mídia não seja propriedade do Estado, nem esteja sob seu controle. Os meios de comunicação não são empresas comerciais comuns cujo sucesso possa medir-se pelos lucros. É normal que busquem a rentabilidade, mas precisam ser responsáveis perante os diversos grupos sociais: responder a suas necessidades e desejos.

A TV chega às massas muito heterogênea, com gostos, atividades, necessidades e proveitos, apresentando muitas variantes, critérios, opiniões, interpretações, ideologia e juízos dos telejornalistas, que variam em relação às emissoras para as quais trabalham, visando muitas vezes seus benefícios comerciais, sua política social e cultural.

Não devemos esquecer os critérios de temporalidade, lugar em que se deu o fato, a época e tantos valores de ética, estética e moral.

Desde o ponto de vista semântico, desinformação é o antônimo de informação, tendo também um significado de descrédito, de dar uma falsa informação ou julgá-la incompleta.

> Há interesses vários, forjados, de grupos, de classes, sociedades, que aplicam e apelam para a desinformação daqueles que esperam por suas informações. A intenção maior é a de fazer com que não percebam que são vítimas da exploração; que continuem no “cala-boca”, sem bolir, tranqüilos, imóveis, serenos, plácidos, pacíficos. Não devem rebelar-se contra opressores e exploradores, nem entenderem o que seja o diversionismo ideológico; diferente, alterado, discordante, para que a classe dominante, que está na ponta do triângulo e que é pequena, mantenha sua privilegiada, frutífera e injusta posição sobre a classe dominada, base maior do triângulo social. (CUNHA, 1990, p.41).

Desinformar é não mostrar as duas caras da moeda em um tema controvertido. Quem tem imagem e o som a seu favor, sempre que estiver praticando a sua profissão com honestidade de princípios, tem de destacar versões, que são vitais.

E, só assim, conseguirá fazer realmente amplo vôo na consciência daqueles que foram chamados à atenção para determinado fato.

> A seu favor estão as fontes subsidiárias, maiôs de consulta contribuindo e completando com profundidade suas informações, aquelas que conseguiu manter por intermédio de um bom relacionamento, quando as visitou freqüentemente, entendendo que essas pessoas, naqueles lugares, se constituíram em grande manancial de informações.[16]

A reportagem policial é o barco-escola do jornalista, talvez o bê-á-bá do repórter. Mas ao mesmo tempo, deve ser bem realizada por ele. Esse tipo de reportagem pode destruí-lo.

O escândalo o faz apelar sistematicamente por imagens modificadoras da realidade. Muitos fatos que não têm a realidade sensacionalista conseguem artificial e, desnecessariamente; ser transformados, com a tentação de causar impacto e até chantagear o sentimentalismo do televidente.

A comoção na comunidade se realiza sem recursos engenhosos, habilidades marotas e confundíveis por meio daqueles que só conhecem a imprensa marrom. (imprensa de escândalo).

Por intermédio deles, sabe-se de conflitos, sexo, escândalos, adultérios, vícios, fraudes. Uns fabricados, outros reais.

---

[16] CUNHA, Albertino Aor, da.

De acordo com Éder Rodrigues[17], o sucesso de um programa é conferido pelo índice de audiência, sendo que, quanto maior o público, maior o sucesso.

Assim, a fórmula de comunicação para os produtores de TV, na busca para aumentar os índices de audiências, tecnicamente é a seguinte: quanto mais signos da mensagem (por exemplo: os elementos culturais de um programa qualquer de televisão), forem familiares ao público, por fazerem já parte de seu repertório, maior será o grau de comunicação.

Ao âncora cabe esclarecer a notícia, mas também emitir opinião abalizada. É ele um dos soldados da revolução da informação.

A maior das revoluções havidas nos últimos tempos. Uma revolução feita sem canhões, sem tiros e sem vítimas reconhecíveis.

O âncora não deve criar “nós mentais na cabeça do seu público”. Ao contrário, deve desfazer esses nós, de forma consciente.

A fronteira entre jornalismo e entretenimento nunca foi nítida e está cada vez menos A imprensa popular sempre privilegiou o divertimento e a mídia comercial impregna agora todos os seus produtos com entretenimento.

A sobreposição é quase inevitável. Uma notícia pode ser interessante e sem importância. E, em contrapartida, aprende-se muito se divertindo. Os dois tipos de mídia fornecem informação e formação e é indispensável que os dois sirvam bem ao público.

Mas é preciso distinguir seus domínios. Os fins almejados diferem: uma informação exata e útil de um lado e, do outro, uma distração que não seja nociva

[17] Em sua monografia de fevereiro de 2001.

nem para o indivíduo, nem para a sociedade. As regras de comportamento não podem ser as mesmas.

A televisão é um olho vigilante que detecta, implacavelmente, a artificialidade, principalmente aquela realizada nos programas de humorismo, novelas e musicais.

Ela permanece, meio século depois de seu aparecimento, como um objeto não pensado ou talvez um objeto pensado, mas em vão. Persistem os mesmos discursos.

Apesar de um número considerável de trabalhos empíricos realizados nos Estados Unidos e na Europa, eles não conseguiram pôr abaixo a muralha de estereótipos, de idéias prévias e meias verdades.

Mesmo assim, sabemos pouco mais sobre o papel da televisão, sua inserção na diferentes culturas, seus modos de funcionamento, suas relações com o poder político, sua programação, sua audiência, o *status* dos seus jornalistas, sua influência.

2.2 HISTÓRIA DA TELEVISÃO EM RORAIMA

EMBED Word.Document.8 \s

Foto 7 – Inauguração da emissora (1974, Jornal Boa Vista)

Quatro anos antes da chegada oficial da televisão em Roraima, ocorrida no dia 14 de junho de 1974, quando os roraimenses acompanharam à inauguração da TV Roraima - Canal 2 (foto 07-acima), algumas pessoas já assistiam imagens através de receptores espalhados pela cidade[18].

A decisão de instalar a primeira emissora no então Território de Roraima foi do coronel aviador Fernando Ramos Pereira, logo que assumiu o governo local, em abril de 1974.

[18]. Ivo Galindo em seu trabalho de conclusão de curso em 2001

O militar não conseguia entender porque a população daqui naquela época, cerca de 30 mil habitantes, não tinha acesso à televisão. GALINDO afirma:

> Entusiasmado com a luta dos roraimenses, o governador se comprometeu publicamente que todos os habitantes iriam a abertura da Copa do Mundo de 74, prevista para o mês de junho, com imagens geradas por uma emissora instalada em Roraima.[...] A determinação do governador foi fundamental para a idealização deste sonho. Em recorde, foi construído o prédio para as instalações da TV, que em 15 dias ficou pronto. O jornalista Laucides Oliveira foi escolhido para acompanhar o projeto e a implantação da emissora. Em Brasília, o Ministério das Comunicações libera a concessão da emissora em nome do Governo de Roraima.

No dia 25 de outubro de 1974, Fernando Ramos Pereira resolveu passar a emissora para a responsabilidade da iniciativa privada. Negociações neste sentido foram feitas entre o governador e o jornalista Phelippe Daou, passando a estação de televisão do Governo do território a pertencer efetivamente à Rede Amazônica de Televisão: A TV Roraima passa a ser uma afiliada. Três anos depois a Rede Amazônica começa a retransmitir as imagens da Rede Globo, o que aconteceu na TV Roraima a partir de 1982.

Somente depois da instalação da TV Roraima, chegaram aqui outros quatros canais de televisão, após concessões na época do ministro das comunicações, hoje senador Antônio Carlos Magalhães, durante o governo do presidente José Sarney (1985-1989).

Conforme a dissertação monográfica do jornalista Edileuson Almeida[19], o então deputado federal Robério Araújo solicitou ao Ministério das Comunicações

[19] ALMEIDA, 1988.

a concessão de um canal de televisão para a FECEC, autarquia ligada à Prefeitura de Boa Vista.

Depois de meses de avaliação, o pedido foi atendido e nasceu a TV Macuxi - Canal 2, inaugurada em 9 de julho de 1990, como parte das comemorações do centenário da Boa Vista.

Em novembro de 1985, a então prefeita Teresa Jucá assina convênio com a Universidade Federal de Roraima passando para a responsabilidade da UFRR, o gerenciamento da TVE pelo período de cinco anos. E, em seguida a prefeita solicita regulamentação do ato através de Lei Municipal.

Entra em tramitação na Câmara dos Vereadores de Boa Vista um projeto de autoria da vereadora Lourdes Pinheiro passando a concessão da emissora para a UFRR, em definitivo. O projeto foi aprovado em plenário por unanimidade e encaminhado para a sanção da prefeita.

Um mês após, o projeto voltou vetado. O plenário da Câmara resolveu derrubar o veto e entrou em vigor a Lei 395/95, concedendo a TVE para a Universidade.

Pouco tempo depois da TV Macuxi, o então governador de Roraima, hoje senador Romero Jucá, consegue junto ao Ministério das Comunicações, em 1989, a concessão do segundo canal de televisão para o Estado.

Surge então a TV Caburaí – Canal 8 (foto 8), que recebeu autorização para funcionar como permissionária (repetidora) da Rede Bandeirantes de Televisão.

O objetivo era colocar a emissora em funcionamento para a transmissão dos jogos da Copa do Mundo, que iniciaria em junho de 1990. Exibia também programação local.

Com uma excelente equipe de profissionais a emissora viveu um dos mais importantes momentos do jornalismo roraimense, com programa de qualidade.

Foto 8 – Logomarca da emissora (2004, Walfre Junior)

O jornalista Edileuson Almeida diz ainda:

> Em 11 de outubro de 1990, dois anos após a concessão dada ao deputado federal Luciano Castro e ás suas sócias Leonete Coutinho e Geilza Duarte Cavalcante, começa a funcionar o quarto canal de televisão de Roraima, a TV Tropical, que ganhou autorização do Dentel (Departamento de Telecomunicações) nesta data, passando a retransmitir a programação do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT.

A quinta emissora de televisão roraimense foi a TV Boa Vista – Canal 12, que começou a funcionar experimentalmente no início de 1991, inaugurada oficialmente no dia 5 de outubro do mesmo ano, retransmitindo a programação da Rede Manchete.

Tratava-se de mais uma concessão conseguida durante o governo José Sarney, desta vez pelo empresário Carlos Kimak, em 1990.

Retransmissora da Rede Record, a TV Imperial se instalou rapidamente em Roraima. Da concessão, ocorrida dia 8 de março de 1994 (ao empresário Juan Sragwicz), até a exibição de imagens em caráter experimental, iniciada em 18 de maio do mesmo ano, foram apenas 50 dias. Roraima ganhava, assim, o seu sexto canal de televisão.

Depois surgiu a TV Maracá, canal 28, retransmissora da Central Nacional de Televisão (CNT), com sede no Paraná.

Inaugurada no dia 27 de dezembro de 2001, após licença concedida pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), teve como diretora geral Regina Malmann. O jornalista Fernando Éder é o diretor de programação e jornalismo.

Hoje em dia a emissora está investindo maciçamente, sob a idealização de Fernando Éder, na ampliação da programação local. Já são oito programas: ‘Turismo em foco’, ‘Jornal da Cidade’, ‘Ronda da Cidade’, ‘Programa Cidadania’, ‘Momento Esportivo’, Espaço aberto’, ‘Forrozando na Maracá’ e ‘K’ entre nós’.

> A mais nova emissora de televisão roraimense é a TV Ativa, canal 20, retransmissora da TV Gazeta, de São Paulo, antiga Gazeta/CNT – Fundação Gasper Líbero. Apesar de ter pouco mais de seis meses de inaugurada, a TV ativa já possui 13

> programas locais, uma de suas prioridades para se tornar diferencial no Estado. Destes, 11 são produzidos pela equipe da emissora e dois são frutos de parcerias: espaços vendidos. (SCHWARZ, Isabella)[20]

Outra razão para a TV Ativa dar mais espaço ao que acontece aqui, explicou Wilson de Barros, é a valorização da cultura regional, buscando aumentar a auto-estima do povo roraimense.

Diz ter percebido que – fundamentado em sua experiência de 20 anos de Amazônia – o valor cultural e o percentual de artistas em Roraima são superiores aos de outros estados da região.

Mesmo revelando existirem críticas ao trabalho de regionalização na programação da TV Ativa, o diretor diz que o trabalho está sendo bem aceito.

Refere-se ao fato do crescimento do número de anunciantes, além da participação dos telespectadores e elogios de reconhecimento nas gravações de matérias em eventos sócio-culturais.

Responsável pela instalação do canal 20, Wilson de Barros conta que a concessão da TV Ativa saiu no ano passado e a emissora começou a funcionar efetivamente no dia 1º de janeiro de 2003.

O primeiro programa a entrar no ar foi o *Blitz Ativa*, buscando levar informação e entretenimento quase em tempo real dos acontecimentos, uma vez que não é ao vivo. Trata-se de um stand-up longo.

---

[20] Trabalho de conclusão de curso em 2003.

2.3. - A TV CABURAÍ

De acordo com Isabela Schuwaz, uma das maiores emissoras de TV de Roraima, a Caburaí foi fundada em 1990.

Com a transformação do Território Federal em Estado, a região começou a receber investimentos na área de comunicação. Retransmissora da Rede Bandeirantes de Televisão, a TV Caburaí pertencia a Ana Jucá e Glória da Luz.

Com redação, produção e estúdios funcionando em um prédio no conjunto Calungá, no bairro São Vicente, o sinal era transmitido através de um link parabólico instalado no Centro Cívico, na área onde hoje funciona o Palácio da Cultura.

As primeiras transmissões datam de junho de 1990, sob a responsabilidade do publicitário Epitácio César, e apesar de ser apenas retransmissora, a TV Caburaí levava ao ar três horas de programação diária local.

Dois programas de entrevista e um telejornal ao ar, três horas de programação diária local. Dois programas de entrevista e um telejornal reuniam profissionais como Rui Figueiredo, Sílvio de Carvalho, Fernando Quintela, Lena Fagundes, Denise Ferrer, Chiquinho Santos, Shirley Rodrigues, Júnior Brasil, Regina Mallmann e Gilberto Durú.

Humberto Silva, presidente do Sindicato dos Jornalistas, afirma em entrevista[21], que a concorrência pela audiência dos telespectadores era acirrada entre a TV Caburaí e a TV Roraima.

---

[21] Dia 15 de julho de 2004.

Os programas jornalísticos locais chamavam a atenção da população e transformavam o canal 8 em um dos mais conceituados do Estado. As editorias eram divididas por temas, o que gerava uma agilização do processo jornalístico e formas mais adequadas de se trabalhar as notícias.

Um dos grandes trabalhos da TV Caburaí foi à transmissão ao vivo das eleições de 1990, com a cobertura completa das apurações para o governo, no Ginásio de Esportes Hélio Campos.

Isabella afirma ainda que:

> Por causa da falta de patrocínio e de um suposto boicote político que retirou as mídias do Governo do Estado da emissora, por entender que ela fazia oposição à administração estadual, a TV Caburaí precisou, em dezembro de 1991, extinguir os programas locais. Ainda levando ao ar apenas a programação nacional da Bandeirantes, a emissora teve sua concessão transferida para a Fundação Roraima e se transformou em repetidora da rede. Em outubro de 1996, a concessão passou para a Editoria Boa Vista, empresa responsável pelo jornal Folha de Boa Vista, de propriedade do economista Getúlio Cruz. A antena foi então transferida para a sede da editora, no bairro São Francisco. A TV Caburaí iniciou uma nova fase no jornalismo local. Contando com o apoio da redação Folha de Boa Vista, a emissora colocou no ar o Flash Folha, um informativo de hora em hora com as principais notícias da cidade. Foram adquiridos novos equipamentos e a emissora voltou a investir na programação local com a criação de novos programas.

Com a necessidade de apresentar as notícias de forma mais abrangente e estabilizar a programação local da emissora, surgiu o Repórter Caburaí, criado em 1997 e exibido de segunda a sexta - feira, em duas edições.

O programa reunia notícias de cidade, política, variedades, esportes e até denúncias. Foi quando o jornalista esportivo Flamarion Vasconcelos, repórter e

apresentador da TV Roraima, começou a fazer parte do time do canal 8, com o Esporte Caburaí, levado ao ar logo depois do telejornal da casa.

Com o atuante trabalho da equipe nas queimadas de março de 1998, que viraram notícia nacional e até mesmo internacional (por se tratar de um desastre ambiental na Amazônia), a emissora passou a ter mais credibilidade perante o público.

As imagens locais e as matérias de profissionais como José Ibanês, editor e apresentador da emissora, foram apresentadas em rede nacional pela Rede Bandeirantes. Com a compra de equipamentos Betacam, que melhoraram a qualidade das imagens, o jornalismo da emissora foi se consolidando, dando índices de audiência nunca vistos.

Em 1999, depois de meses fora do ar por causa de uma decisão judicial, a emissora foi adquirida pelo empresário Geraldo Magela e teve a antena e os equipamentos mudados para uma sede própria no bairro Canarinho.

Eder Rodrigues em sua monografia de 2001 relata:

> Em 2001, depois de algum tempo mantendo dois programas jornalísticos diários, o telejornal Repórter Caburaí e o policial-comunitário Mete- Bronca, a direção de jornalismo resolveu condensar ambos, reunindo todas as editorias, em um programa só: o Mete - Bronca.

Por entender que a linha mais ligada a um contato direto com a população era prioritária para garantir audiência, o Repórter Caburaí foi extinto.

Hoje a TV Caburaí exibe também a Sala de Imprensa, um programa de entrevistas jornalísticas apresentado por Humberto Silva, atual presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Roraima.

No segundo semestre de 2002, a Uyrapuru Comunicações, empresa de Comunicação detentora dos direitos sobre a TV Caburaí, modificou o formato do Mete – Bronca. O apresentador em pé no cenário, permitindo maior mobilidade de imagens e de conteúdo.

Para as notícias mais leves foi criado o Caburaí Notícias, um telejornal com proposta de levar aos telespectadores temas do cotidiano. “De pé me sinto mais seguro para fazer os comentários e apresentar o programa do meu jeito. Não uso TP, faço meu próprio discurso”.[22]

A linha de denúncias também é forte na emissora. A maioria dos escândalos políticos que viraram manchetes nacionais foram deflagrados pelo trabalho investigativo dos profissionais da casa.

Os descontentamentos da população sempre foram pautas permanentes na emissora, tornando a TV Caburaí um dos veículos de maior credibilidade no Estado.

O jornalismo da TV Caburaí sempre chamou a atenção pelo papel comunitário que tomou como linha editorial. Programas policial-comunitários passaram a ser carro-chefe, a partir da constatação de que são os mais assistidos pelos telespectadores da capital e do interior.

---

[22] Carlos Simões – apresentador do Mete- Bronca em entrevista 20 de abril de 2004.

Servindo como elo entre a população e as autoridades, programas como Roda Viva e Mete – Bronca, confirmam a idéia de que a televisão serve como canal de denúncia e espaço aberto à opinião do povo.

2.4.- A HISTÓRIA DO 'METE- BRONCA'

A direção-geral da emissora, desde 1998, fez várias tentativas para adaptar um programa com aproximadamente uma hora de duração e assim alavancar a audiência.

Neste mesmo ano, foi criado pela emissora, o programa Roda-Viva. O apresentador era o locutor Osmar Noleto, recém-chegado do Estado do Maranhão.

Para a reportagem, foi contratado, Paulo Giovanni, conhecido pelas suas inúmeras reportagens policiais e pela sua participação em vários outros programas.

O nome "Roda Viva" foi sugerido por Noleto, uma vez que ele dirigia um programa com este mesmo nome no Estado do Maranhão.

Em entrevista, Humberto Silva afirma[23], que a estratégia da TV Caburaí, na época, era conquistar, através de um novo programa, onde a prioridade era dada a reportagens policiais, a maior audiência possível.

Assim, a publicidade na televisão aumentaria e, por conseguinte, os seus recursos financeiros. Acreditava-se também que o telejornal (Repórter Caburaí)

[23] Entrevista em 12 de maio de 2004.

que viria logo em seguida seria beneficiado com a audiência conquistada com o Roda Viva.

> Poucos meses depois, Paulo Giovanni deixa a emissora e a repórter paraense, Cyneida Corrêa é escolhida para substituí-lo com reportagens exclusivamente policiais. Ela já trabalhava na Caburaí como repórter, mas fazia reportagens apenas para o telejornal Repórter Caburaí.[24]

Em março de 2000, com a saída de Osmar Noleto e Cyneida Corrêa, a emissora trata imediatamente de substituir os dois profissionais. Com o time renovado, inicia-se então o programa Roda Viva em Caburaí que fica um mês no ar, quando tem o nome mudado definitivamente para Mete Bronca.

O radialista, Antonio Morais foi escolhido para apresentar o programa desta nova fase do jornalismo da Caburaí. Com mais de 20 anos de experiência em rádio, Morais começou a trabalhar na emissora em março, apresentando o programa: Roda Viva em Caburaí. Com a ajuda de uma consulta popular para definir o nome do programa e apresentando um novo formato foi ao ar, em abril de 2000, o programa Mete Bronca.

[24] Monografia de Isabella Schwarz de 2003.

3. O PROGRAMA METE BRONCA

3.1. A PERCEPÇÃO DOS TELESPECTADORES

A escolha de um bairro foi imprescindível para o início da pesquisa de campo. O bairro escolhido foi o São Vicente e os moradores da Avenida Surumu atuaram como fonte de pesquisa.

Uma mistura de ansiedade e insegurança eram os sentimentos que prevaleciam no primeiro contato com os moradores do bairro. As perguntas eram: como eles me receberiam, se gostavam do programa, qual a reação deles diante da pesquisa. Sempre imaginamos como tudo vai acontecer, mas é apenas uma noção, uma idéia do fato.

Durante o período em que fui ao local, notei como eles percebem o programa, conversando, observando, perguntando e vivenciando suas experiências.

A maioria dos entrevistados assiste assiduamente e tem uma grande adoração pelo apresentador Carlos Simões.

Para eles, tudo o que é mostrado e dito no programa é um desabafo da maioria do povo. É o que eles pensam, é o modo de vida deles, problemas da maior parte da população.

É como se o apresentador fosse um porta-voz, como se ele fizesse parte de suas raízes, de sua família, alguém íntimo que expõe na televisão situações

do cotidiano que representam suas aflições, necessidades, revoltas, suas vidas.

Muitos se emocionam, se revoltam, interagem com o que está sendo mostrado e dito no programa.

De acordo com o questionário aplicado, são pessoas simples, de baixa renda e escolaridade, que na maioria das vezes não têm quem as ajude, quem peça por elas.

Acreditam veementemente no que lhes é passado. Tomam as coisas, não como uma simples realidade, mas como a verdade dos fatos. Não sabem distinguir uma apelação, um comentário tendencioso.

Todas as mulheres entrevistadas assistem ao programa e aceitam todos os comentários do âncora. Grande parte delas são donas de casa, que juntamente com seus afazeres domésticos têm na televisão uma distração para o seu dia a dia.

Com idade entre 25 e 70 anos, fazem parte da maioria do público do programa Mete Bronca na Avenida Surumu. Expressam durante o programa seu senso de justiça e revolta, pois de acordo com a nossa pesquisa, 40% sentem essa necessidade quando estão assistindo o Mete Bronca. Nove entre as 12 entrevistadas são nascidas no Estado de Roraima.

O que é transmitido no programa, não é o olhar do telespectador. É a percepção de quem está produzindo o programa. Seja o cinegrafista que capta as imagens, o repórter que escreve o texto, o direcionamento do produtor.Tudo faz parte de um recorte da realidade sob os olhos de está por trás das câmeras, que muitas vezes, a maioria das pessoas desconhece.

Nesse segundo momento, iremos retratar esse olhar da produção. O programa em si. Como é feito, com que intuito, e porque é feito?

3.2- O OLHAR DA PRODUÇÃO

No primeiro contato (foto 9) com a produção da emissora, fomos bem recebidos por todos. Esse momento foi repleto de emoções.

Ansiedade, apreensão, nervosismo, vergonha, insegurança eram alguns dos sentimentos que se misturavam nesse encontro. Existia uma idéia do que era o programa, fui cheia de impressões e preconceitos.

Foto 9 – Produção (2004, Walfre Junior)

O signo do trabalho é o Mete Bronca. O programa representa o olhar da produção, é um signo, pois ele está no lugar de quem produz. Ele está representando a percepção de quem está produzindo.

Signo é algo ou alguma coisa que representa algo ou alguma coisa para algo ou alguém. Qualquer coisa que esteja no lugar de outra em algum aspecto.[25]

O programa está no lugar da produção do telespectador. A produção faz o programa, mas este é quem vai ao ar. É este que é percebido pelo público. Então ele está no lugar da produção.

Signos são imagens, sons, palavras, gestos, posturas.Assim, o programa é composto por signos.

Sustentando uma linha de denúncias e proximidade com a comunidade, a produção do programa, procura dar atenção especial para reportagens policiais, políticas e de solidariedade, com uma linguagem simples e coloquial.

Muitas vezes ocorre a narração direta do estúdio pelo apresentador, sem a necessidade da gravação de off. O apresentador também emite comentários e opiniões para servir como porta–voz da comunidade, orientando, informando e registrando a reclamação.

A grande audiência é resultado da aproximação do estilo do programa com a linguagem popular, registrando temas do cotidiano da maioria da população.O programa Mete Bronca tem 25 minutos de produção divididos em três blocos[26], e é apresentado por Carlos Simões, com reportagens de Chiquinho Santos e Ronisson Alves.

---

[25] PINTO,Julio PUC Virtual/2004

[26] Período pesquisado entre fevereiro e julho de 2004.

De acordo com o minidicionário Aurélio, o significado de sensacionalismo é “divulgação e exploração de matéria capaz de emocionar ou escandalizar”. O programa Mete Bronca exibe exatamente isso.

Com o intuito de sensibilizar ou chocar as pessoas, é um dos programas de maior audiência do Estado. O apresentador, Carlos, usa chavões, expressões populares, o que leva a crer que tem um pouco de sensacionalismo nos comentários feitos.

E de fato é intenção do Programa mexer com o emocional do público. O que faz com que sentimentos de justiça e revolta se aflorem em seus telespectadores. “Acho que o público tem sentimentos controversos ao assistirem o programa. Ora pena, ora vontade de ajudar. Depende do que está sendo mostrado. Eu acho que sempre consigo emocionar o meu público, e esse é o meu intuito”, afirmou o apresentador Carlos Simões.

O programa é considerado polêmico, pois o âncora emite comentários e opiniões, além de levantar questões antes desconhecidas pela população e que acabam muitas vezes em escândalos nacionais.

Em uma pesquisa quanti–qualitativa realizada em novembro de 2003, constatou-se que a maioria das ligações recebidas pelo programa é para os quadros de solidariedade.

Neles, pessoas necessitadas pedem ajuda e são de utilidade pública, divulgadas durante o programa pelo apresentador, é repassada por telefone diariamente à produção pela comunidade.

São 19 profissionais envolvidos na produção do programa Mete Bronca. Não há função específica. Todos fazem de tudo um pouco. De acordo com

ERBOLATO (1999, p.252), “produção é a fase de preparo e de realização de um programa. É o setor de jornal ou revista, encarregado de elaborar pautas e transmiti-las aos repórteres, sucursais e correspondentes, cobrando as coberturas dentro do prazo pré-fixado”.

Mas segundo o questionário aplicado na emissora, não há divisão de tarefas. Ninguém tem uma função específica. O repórter apresenta o programa, o cinegrafista faz as pautas. O apresentador revisa o texto, o editor dá sugestões.. Não há uma organização sobre as tarefas a serem cumpridas.

A relação entre os funcionários é harmoniosa, e conforme a pesquisa, tal fica entre boa e ótima. Contudo, esse relacionamento parece ser baseado na condição de que as pessoas não terem formação acadêmica,.

Pois dos 19, apenas uma pessoa é formada em Comunicação Social, outra em Filosofia e das 17, três estão cursando Jornalismo e uma Administração de Empresas.

O que se pressupõe que não há muita ordem, direcionamento e rigidez. Apesar de serem profissionais por exercer essa função no cotidiano, não possuem a bagagem acadêmica necessária (teoria), para estruturarem a produção de maneira a construírem um telejornal com suas características e peculiaridades.

O Mete Bronca tem a participação direta do público, facilitando a produção das pautas. Os telespectadores ligam, mandam mensagens, vão até a emissora sugerir matérias. “O público responde imediatamente ao que é passado no programa. Uma vez, mal acabamos de pedir ajuda a umas pessoas

necessitadas, e já tinha várias doações de telespectadores na portaria. É muito gratificante!", afirma a diretora[27] Wanderléia Ferreira.

Apesar de ser um programa com a linha editorial voltada para polícia, política e comunidade, as denúncias aparecem na pesquisa como principal objetivo do programa, seguido de mostrar os problemas de pessoas comuns.

Mas por pertencer a grupos políticos, só um lado é mostrado. Há apenas uma versão dos fatos. Então, só o que diz respeito à oposição, no caso o Governo.

A Prefeitura Municipal de Boa Vista nunca vai aparecer em matérias do Mete Bronca. "Gosto de ver injustiças sendo desvendadas, de dar toques importantes para a população, de meter-bronca no que for preciso, não posso falar mal da prefeitura, mas no restante de todos os políticos eu posso", relatou o apresentador Carlos Simões.

O que leva a crer que a forma de construção da informação passa por um tratamento onde os receptores (telespectadores) são interpretados por parte da produção do programa.

Tal interpretação leva em conta o público-alvo, pessoas de baixa renda e escolaridade.

A indução da mensagem faz com que os receptores percebam, por meio de uma linguagem, os códigos ideológicos de maneira simples e habitual.

Isso vai dificultando o discernimento do que está sendo mostrado, inibindo o senso crítico levando-os a aceitarem o que lhes é mostrado como verdade,

---

[27] Em entrevista dia 06 de abril de 2004.

muitas vezes uma verdade que camufla as divergências políticas presentes e fortes no Estado.

A produção de um programa de televisão percebe o mundo de maneira geral. Como o princípio básico da indústria cultural (cultura de massa), alienar com o mínimo de informação.

Faz-se o programa para um grande número de pessoas, como se todas pensassem da mesma forma. Nenhum relato sobre o fato é realmente o fato.

Para a produção do programa as principais dificuldades encontradas são a existência de apenas um computador (foto 10) e de telefones convencionais na redação. Com isso, causa um certo transtorno tanto para quem está produzindo quanto para os telespectadores.

Foto 10 – Único computador da redação (Walfre Júnior)

E é esse público que participando ativamente do programa, ajuda a mantê-lo no ar e construir a audiência da emissora nesse horário. A audiência é medida por meio de telefonemas, cartas e comentário da população.

Ainda de acordo com o questionário, a escolha do horário se dá porque a maioria das pessoas está em casa na hora do programa (foto 11).

Foto 11 – Programa (2004, Walfre Junior)

E a maioria deles acha que a linguagem e a postura do âncora são apropriadas, pois estão condizentes com a linha do programa e por ser mais fácil das pessoas entenderem.

A percepção da produção está voltada para o que o público quer ver, o que eles estão denunciando, o que eles estão reivindicando. Mas a maneira como é passada, escrita, mostrada é uma visão pessoal de quem está fazendo.

O direcionamento é que faz a diferença, as palavras modificam todo o sentido da matéria, da apresentação. Eles percebem o que o povo quer ver e mostram isso da forma mais parcial possível. ”Eu não adivinho o que as pessoas estão pensando. Eu passei a pensar como elas”, diz Carlos Simões, apresentador do Mete Bronca.

A percepção de mundo é individual. Depende do estado de espírito, das condições psicológicas e físicas de cada indivíduo. Portanto, a relação entre as pessoas é mais baseada na diferença do que na igualdade.

O Mete Bronca é, como a própria produção denomina, um programa com a cara do povo, com características políticas e revolucionárias. O programa sai do padrão de jornalismo convencional e entra no jornalismo policial, chocando, impressionando e mexendo com seu público, sem se importar com pauta elaborada, com divisões de funções, e profissionais da área de Comunicação.

Eles apenas fazem o programa, gerando um processo chamado ruído social, pela maneira como é feito, e produzido.

Ruído social é tudo aquilo que sai do convencional, provoca de certa maneira um choque aos padrões. Pode ser positivo ou negativo dependendo da maneira como é repercutido[28].

[28] PINTO,Julio PUC Virtual/2003

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período pesquisado, muitas foram as descobertas e dificuldades. Consideramos que a resposta para a pesquisa foi alcançada.

A primeira idéia que temos é sempre uma noção, do que é o objeto de estudo. Quando pensamos num objeto, não é nele que estamos pensando, mas num signo dele ou em uma representação. Não podemos pensar sem signos. Não podemos nos comunicar sem signos.

Quando decidimos que o bairro São Vicente seria nossa fonte de pesquisa, pois é um dos mais antigos e possui pessoas que assistem ao Programa Mete-Bronca, o próximo passo seria qual rua trabalharíamos os questionários. E uma parte da Avenida Surumu foi escolhida, apenas as casas de pessoas que fazem parte do público-alvo do programa, de acordo com a produção do Mete Bronca. Assim, 15 casas foram pesquisadas, e apenas 12 havia moradores.

Conseguimos um trabalho gratificante. A idéia de como os telespectadores agiam diante do programa foi se confirmando aos poucos no decorrer da pesquisa. Eles interagem, têm reações diante das afirmações e comentários do âncora. Respondem prontamente às solicitações de ajuda, por meio de telefonemas e visitas a redação. A maioria não percebe a linha política.

Na verdade o telejornalismo é um recorte da realidade. O que é mostrado para o telespectador é o olhar da produção do programa. Eles é que escolhem o texto que vai ser ouvido, as imagens que vão ser mostradas, o direcionamento da matéria, como e o que vai ser colocado no ar. E muitas vezes, o telespectador aceita isso, não apenas como a representação da verdade, mas como a existência do ato[29]. Quem está assistindo o programa assiste o olhar de quem produziu, de pessoas que eles não conhecem e nem sabem que existem.

A produção do Mete Bronca acredita que as matérias são voltadas para o que o público quer ver. As pautas são elaboradas de acordo com a participação do público. Com uma linha comunitária por ter um lado social forte; policial mostrando a realidade da violência urbana; e política colocando em tudo isso o lado político bem aflorado em tudo o que é dito e feito no programa.

A emissora pertence a grupos políticos ligados à Prefeitura Municipal de Boa Vista, por isso muito do que é mostrado, tem apenas uma versão dos fatos. A produção acredita que consegue fazer com que o programa seja bem aceito pela população porque exibe exatamente os maiores problemas vividos por eles, usando uma linguagem simples e fácil de ser entendida. A forma como é passada e os comentários feitos é que denunciam certa tendência a insinuações contra a oposição, no caso, o Governo Estadual. Há várias maneiras de se passar uma mensagem, a forma escolhida é que faz a diferença.

Assim como os telespectadores assistem à televisão (programa), a televisão (produção) também observa os telespectadores. É como se na tela do aparelho tivesse um olho que consegue perceber, captar o que aceito pelo público

[29] "Peirce prefere a utilização da palavra existência ao invés de realidade. Realidade-verdade são representações da existência". Zouein em palestra proferida na 2ª Semana de Letras – UFRR.

e dessa forma, produzir matérias, tecer comentários com base no que eles querem ver e ouvir por meio do porta-voz que é o âncora, ao qual eles têm grande identificação.

O principal objetivo do programa é alcançado. Uma grande audiência (ver anexo p.79) e a participação em grande escala do público, fazem do Mete Bronca um dos programas de maior aceitação do horário.

E na maioria das vezes esses profissionais que elaboram diariamente o que chega nas casas dos telespectadores, não são reconhecidos pelo público. Na verdade, estão por trás das câmeras, trabalhando para o programa que as pessoas assistem fique o melhor possível e atinja a expectativa desejada. E é o olhar deles, a percepção deles, que é mostrada no programa. Desde a pauta elaborada com a participação da população até as imagens escolhidas para irem ao ar. Por isso, a imagem(programa),como signo (representação) do olhar de quem você não vê, mas faz a TV que você vê(produção).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edileuson. ***A Integração Regional através da Rede Amazônica de Televisão'.*** Boa Vista, 1988.

BERTRAND, Claude–Jean, ***A Deontologia das Mídias***. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

COBLEY, Paul.***Semiótica para principiantes.*** Buenos Aires, 1997.

CUNHA, Albertino Aor da***. Telejornalismo.*** São Paulo: Editora Atlas, 1990.

ERBOLATO, Mario L. ***Dicionário de Propaganda e Jornalismo***. Campinas, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. ***Minidicionário Aurélio Século XXI*** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

FREITAS, Aimberê. ***Geografia e história de Roraima***.Boa Vista, 2001.

FURASTÉ, Pedro Augusto. ***Normas Técnicas para o trabalho científico***. 11.ed. Porto Alegre: Dáctilo-Plus, 2003.

GALLINDO, Ivo.***OPS! Causos Contados por jornalistas.*** Monografia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2002.

MELO, José Marques de. ***Comunicação: Direito à informação***. Campinas: Editora Papirus,1986.

MACHADO, Arlindo. ***A arte do Vídeo.*** 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

PINTO, Júlio. ***Semiótica.*** MINAS GERAIS,TELECONFERÊNCIA PUC/VIRTUAL***.*** 2003

SANTOS, Éder Rodrigues. ***Telejornalismo Caburaí: a oposição em pauta.*** Monografia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2001.

SCHWARZ, Isabela. ***Caburaí.com:A importância do feed-back.*** Monografia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista 2003.

TESCHE, Adayr. Silva; DUARTE, Dinorá Fraga; BENTZ, Elizabeth Bastos *et al* ***Mídias e processos de significação***. Editora Unisinos.

VIEIRA, Leocicléia Aparecida. ***Projeto de Pesquisa e Monografia: O que é? Como se faz?*** 3. ed. Curitiba: Editora do Autor, 2004.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO 1
SOBRE OS FUNCIONÁRIOS

1. Qual é o setor em que você trabalha? _____

2. Como é a relação entre os funcionários?

( ) Ruim

( ) Boa

( ) Ótima

3. Você é formado?

( ) Sim

( ) Não

4. Se for sim qual o curso? _____

5. Você freqüenta uma faculdade?

( ) Sim

( ) Não

6. Se for sim, qual faculdade?_____

7. E qual o curso ?_____

8. Como é feita divisão de tarefas?

( ) Cada uma faz a sua parte

( ) Não há divisão, todos se ajudam no que for preciso

( ) Outros _____

9. Você faz parte da produção do programa Mete-Bronca?

( ) Sim

( ) Não

10. Qual sua função?

( ) Apresentador

( ) Repórter

( ) Produtor

( ) Cinegrafista

( ) Editor de imagens

( ) Auxiliar de externa

( ) Revisor de textos

( ) Câmera de estúdio

( ) Operador de áudio e caracteres

( ) Diretor

( ) Outros_____

11. Como é feita a escolha dos assuntos e das pautas?

( ) Através dos jornais impressos

( ) Através de ligações dos telespectadores

( ) Através de denúncias feitas pelos telespectadores

( ) Através de conhecidos

( ) Através de releases de assessorias

( ) Através de e-mails e mensagens

12. Como você denomina o programa Mete- Bronca?

_____

13. Qual o principal objetivo do programa?

( ) Denúncia

( ) Política

( ) Solidariedade

( ) Dicas para a população

( ) Matérias sobre a cidade

( ) Atacar o governo

( ) mostrar o problema de pessoas comuns

14. Mexer com o emocional do público faz parte da intenção do programa?

( ) Sim

( ) Não

15. Por quê?_____

16. Qual a linha editorial do Mete- Bronca?

( ) Polícia

( ) Política

( ) Comunitária

( ) Outros _____

17. Quem é o público-alvo do programa?

( ) Pessoas com renda e escolaridade baixa

( ) Pessoas com renda e escolaridade alta

( ) Pessoas que moram na periferia da cidade

( ) Outros _____

18. Você acha que o Programa é polêmico?

( ) Sim

( ) Não

19. Por quê? _____

20. Quais as principais dificuldades enfrentadas para a produção do programa?

( ) Falta de equipamento de externa

( ) Falta de telefones convencionais na redação

( ) Falta de computadores

( ) Falta de pessoas para trabalhar no programa

( ) Outros _____

21. Há um feedback com a população?

( ) Sim, eles participam ativamente

( ) Não

22. Como foi feita a escolha do horário?

( ) É a hora em que a maioria das pessoas estão em casa

( ) Foi a emissora nacional que designou

( ) Outros _____

23. Você acha que a linguagem e a postura do apresentador são apropriadas?

( ) Sim, pois é a linha do programa

( ) Sim, pois é mais fácil das pessoas entenderem

( ) Não

( ) Outros_____

24. O Mete- Bronca se inspira em algum programa de ordem nacional?

( ) Sim

( ) Não

25. Se a resposta for sim, qual?_____

26. A audiência do programa é alta?

( ) Sim

( ) Não

( ) Mais ou menos

27. Como é medida a audiência do Programa?

( ) Através de cartas

( ) Através de telefonemas

( ) Outros_____

28. Os funcionários costumam sair juntos em programas que não envolvam a emissora?

( ) Sim
( ) Não
( ) Alguns
( ) Ás vezes

QUESTIONÁRIO 2
SOBRE A TV CABURAÍ

1- Quantos funcionários têm a empresa?

2- Como é feita a divisão de tarefas?

3- Quantos são formados?

4- Quantos freqüentam uma faculdade?

5- Como é a relação dos funcionários?

6- Quem são os donos da emissora?

7- Qual é a história da TV Caburaí?

- quem iniciou;
- por quê;
- em que ano;
- quantos funcionários tinha;
- o principal objetivo;
- um retrospecto;
- uma cronologia da emissora.

SOBRE O PROGRAMA METE BRONCA

1- Quantas pessoas fazem parte da produção?

2- Quantas são formadas ou freqüentam a faculdade?

3- Como é feita a escolha dos assuntos e das pautas

4- Vocês percebem o que o público quer ver?

5- Como se dá a percepção desse olhar televisivo?

6- Como você denomina o Programa Mete-Bronca?

7- Há alguma intenção nesse tipo de matéria?

8- Qual o principal objetivo do programa?

9- E mexer com o emocional do público? Faz parte desse objetivo?

10- Um exemplo seria a situação atual em que se encontra o Estado?

11- Você acha que o programa é polêmico?

12- Quais as principais dificuldades que vocês enfrentam, na hora de produzir o programa?

13- Quem é o público-alvo do programa?

14- Qual a linha editorial do programa?

15- A população participa ativamente?

16- Há um feedback?

17-O que você acha que as pessoas sentem e pensam quando assistem ao programa?

18-Como foi feita a escolha do horário? Você acha que é conveniente?

19-É ao vivo? Como é feita a produção, escolha do cenário, efeitos especiais, figurino...?

20-Você acha que a linguagem usada é apropriada? E as expressões?

21-E a postura do apresentador, tom de voz, expressões corporais? O que é ética para você?

22-Você acha que a forma como o programa é passado é ética?

23-O que você acha dessa quebra de regras? O Mete Bronca se inspira em algum outro programa em nível nacional?

24-A audiência do programa é alta? Em números ou porcentagem.

25-E como é a relação dos funcionários aqui e fora da emissora?

QUESTIONÁRIO 3
PARA AS PESSOAS DO BAIRRO SÃO VICENTE

1. Qual o endereço da rua?

2. Quantas casas têm na rua?

3. Qual o seu nome?

4. Idade?

5. Sexo?

6. Onde você nasceu?

7. Profissão?

8. Há quanto tempo mora no bairro?

9. Quantas pessoas têm na casa?

10. Quantas mulheres?

11. Quantos homens?

12. Quantas crianças?

13. Idade de cada um?

14. Quantos assistem ao programa Mete Bronca?

15. Você gosta do programa?

16. Por quê?

17. E aqui na casa quantos mais assistem?

18. Por que assistem?

19. Você gosta das matérias, apresentador, dos repórteres, do cenário?

20. O que você mais gosta no programa?

21. O que você sente quando está assistindo ao programa?

22. Você gosta dos comentários do apresentador?

23. O que acha do quadro “Chutar o balde”?

24. Quais as principais características do bairro?

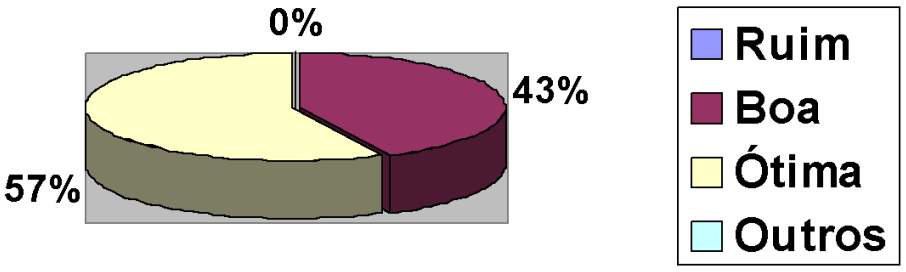
25. Você gosta de morar aqui?

26. O que o São Vicente significa pra você?

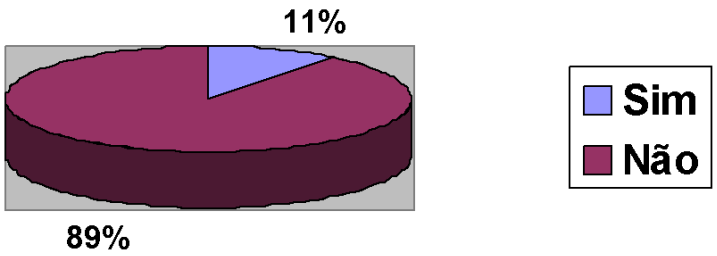
27. Como você vê o São Vicente ontem e hoje, o que mudou?

GRÁFICOS

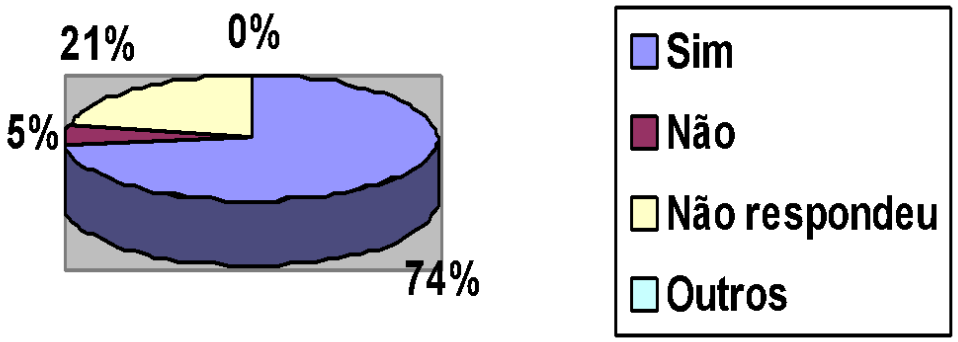
1. RELAÇÃO ENTRE OS FUNCIONÁRIOS



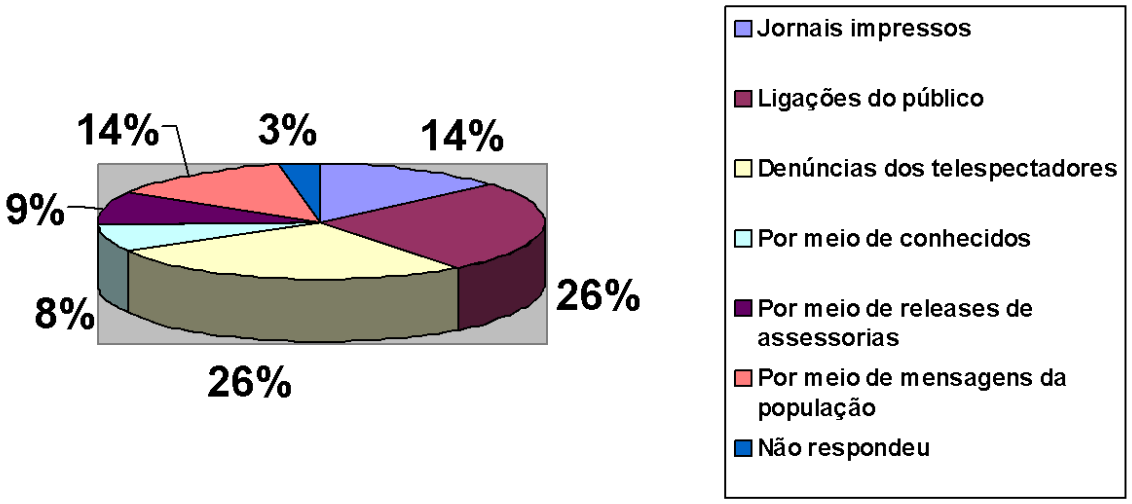
2. QUANTOS FUNCIONÁRIOS SÃO FORMADOS



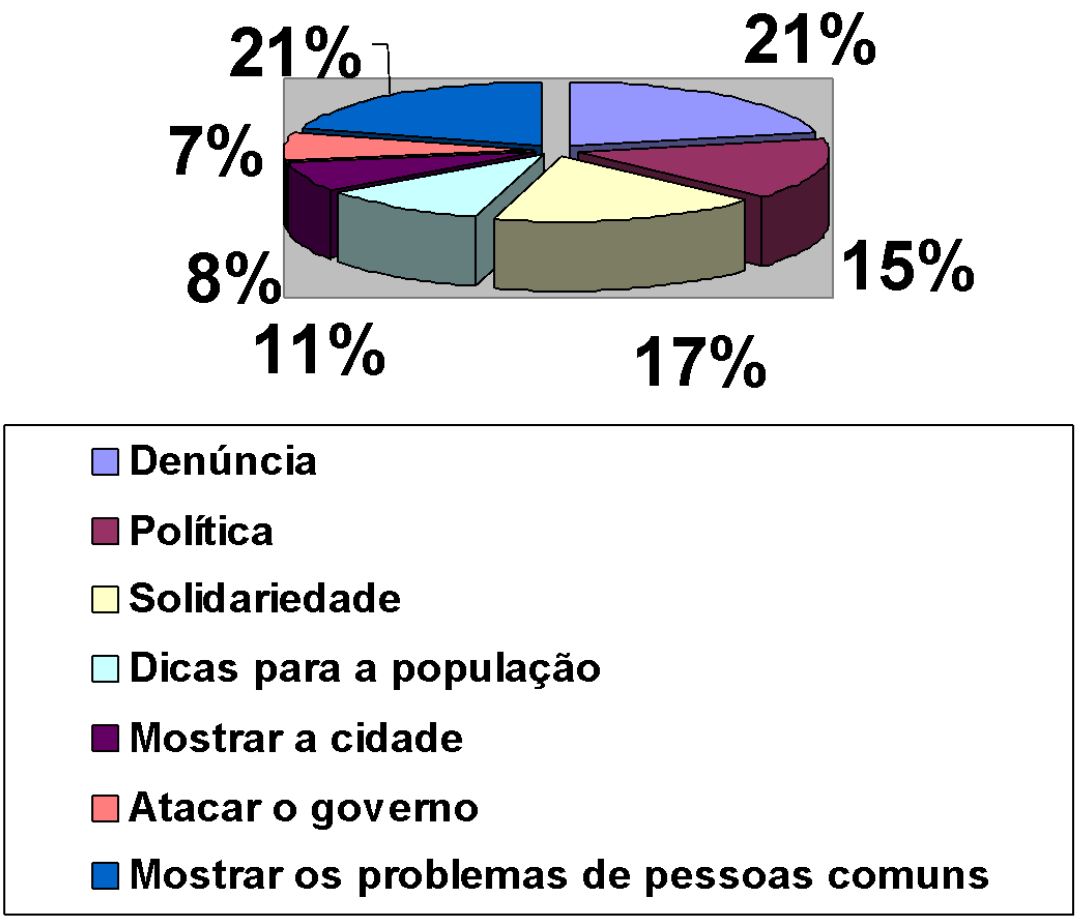
3. O PROGRAMA TEM A INTENÇÃO DE MEXER COM O EMOCIONAL DO PÚBLICO



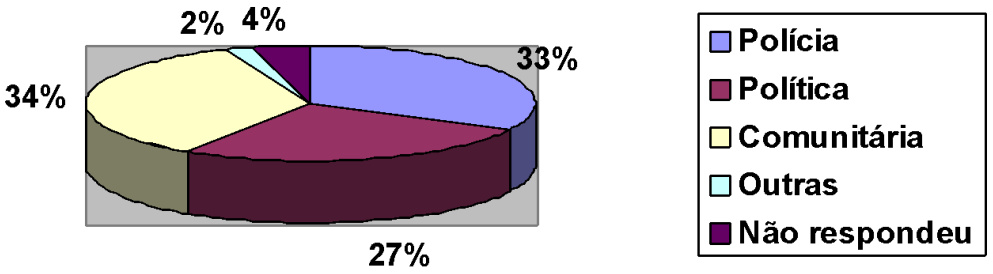
4. COMO É FEITA A ESCOLHA DAS PAUTAS



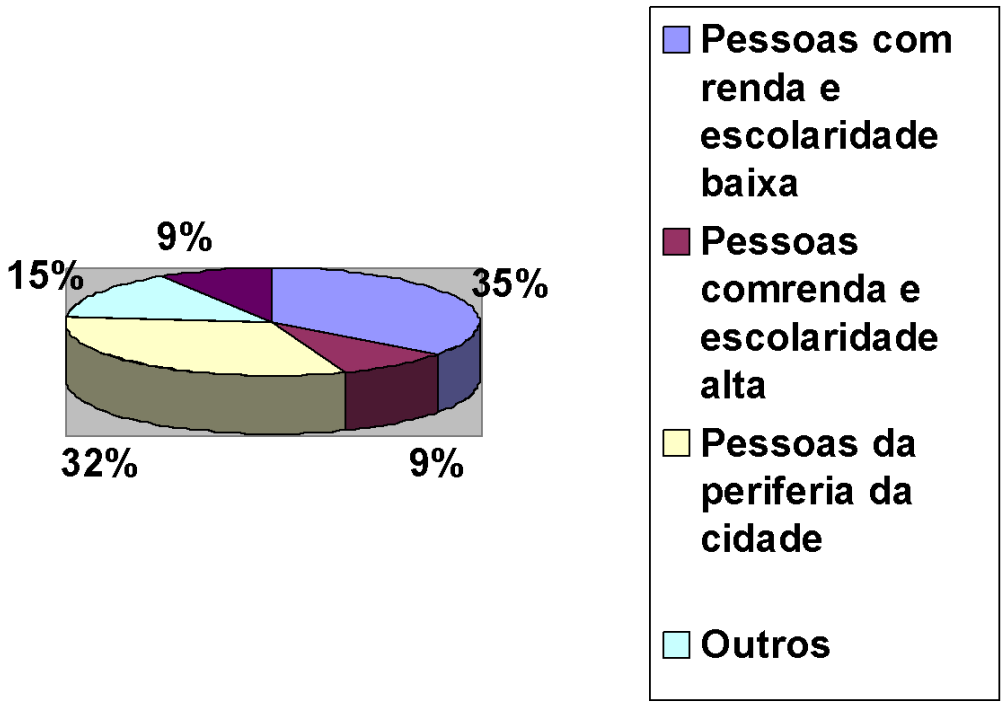
5. O PRINCIPAL OBJETIVO DO PROGRAMA



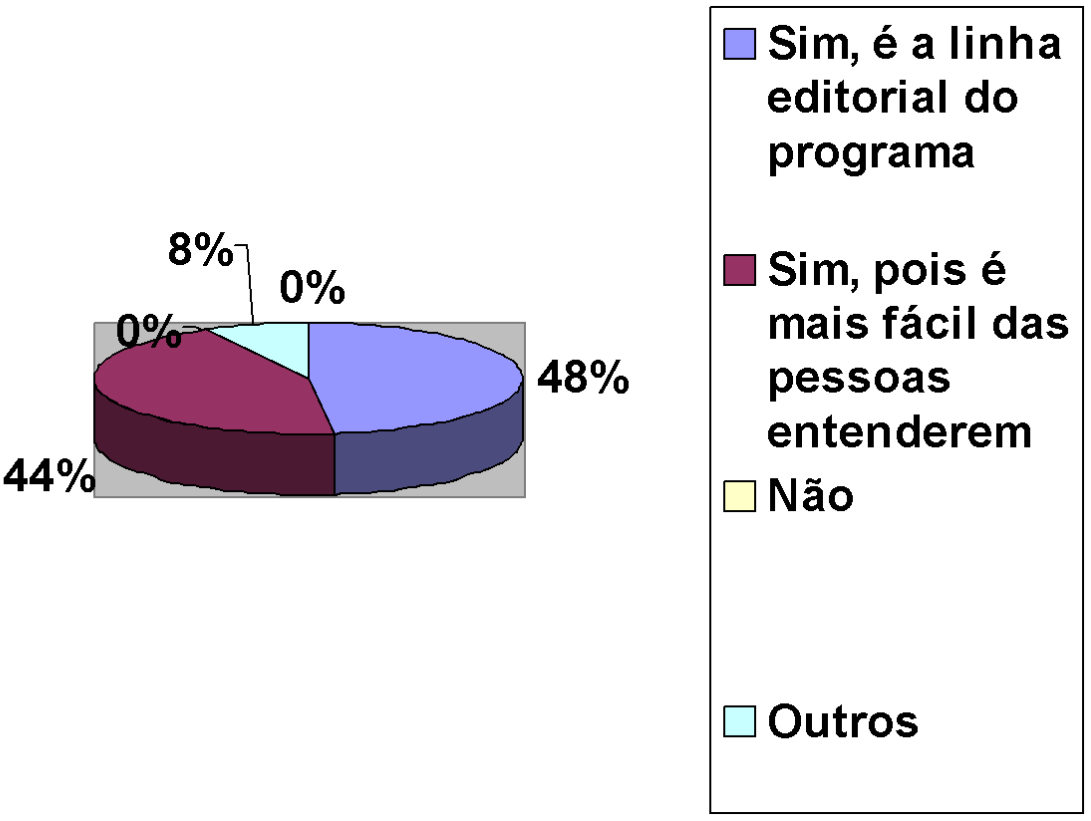
6. A LINHA EDITORIAL DO METE – BRONCA



7. O PÚBLICO – ALVO DO PROGRAMA



8. A LINGUAGEM USADA NO PROGRAMA É APROPRIADA



9. COMO É MEDIDA A AUDIÊNCIA DO PROGRAMA

